

VALORES E PADRÕES DO VOCÁBULO “VELHO”: INDICADORES DE DESCENDENTES JAPONESES NO BRASIL

Sônia Maria Toyoshima Lima*

RESUMO. O crescimento contínuo da população idosa vem sendo constatado na sociedade humana, sendo, portanto, necessário utilizar medidas tanto de ação individual quanto coletiva, numa concentração de esforços que objetive reduzir os estigmas e os preconceitos instaurados na sociedade. A longevidade tem sido significativamente aumentada, mas os preconceitos em relação ao idoso encontram-se muito presentes em nosso meio social. Na discussão dessas questões, relataremos os depoimentos de alguns indivíduos com mais de 60 anos de um grupo cultural descendente de japoneses, como dos *isseis* (primeira geração de japoneses no Brasil) e dos *nisseis* (segunda geração: filhos de japoneses nascidos no Brasil). Este estudo caracterizou-se como sendo do tipo descritivo, utilizando a bibliografia específica relacionada ao tema proposto e com aplicação de uma entrevista estruturada sobre a questão de quem é considerado velho e idoso para eles. De acordo com os resultados obtidos, um dos aspectos que nos chamaram a atenção, nas entrevistas, foi que, mesmo estando em uma sociedade chamada moderna, os descendentes de japoneses entrevistados não se consideram velhos, e não gostam de que os chamem dessa forma, contrariando conceitos e preconceitos estabelecidos sobre esta etapa da vida. A idade para eles não é relevante, mas a relevância da questão “idade” está aí instaurada e organizada de modo a conservar a forma instituída pelo meio social. Outro aspecto relevante em nosso estudo foi constatar que o importante para as pessoas idosas entrevistadas é a valorização da vida, a apreciação do dia-a-dia, desfrutar o prazer de viver. Não carregam consigo uma linguagem do declínio, mas enfatizam, sim, a valorização da vida, procurando encontrar prazeres nas coisas mais simples do cotidiano. É interessante ressaltar que, com raras exceções, eles não se sentem velhos e gostam de estar sempre ativos.

Palavras-chave: velho, padrões de valores, cultura.

VALUES AND PATTERNS OF THE WORD “OLD”: INDICATORS FROM JAPANESE DESCENDANTS IN BRAZIL

ABSTRACT. The continuous aging population increase has been verified in all human societies. Therefore, it is necessary to act individually and collectively to reduce stigmata and prejudices impregnated in the society. Longevity has grown significantly, but the prejudices against old people are still very alive in our society. In the course of the discussions we will be reporting the statements of some individuals over sixty belonging to a cultural group constituted by first-and-second-generation Japanese descendants in Brazil. This descriptive study was supported by a specific bibliography and by a structured interview on what they consider old age. One of the remarkable aspects of the interviews was that, though belonging to a so-called modern society, the Japanese descendants do not consider themselves old nor like to be called so, in opposition to society's concepts and prejudices. Aging is not relevant for them, but its importance pervades current society. Another relevant aspect in our study was to verify that what is really important for the interviewees is life valuing and enjoying the pleasure to live day by day.

Key words: aging person, patterns of values, culture.

* Professora Ms. do Departamento de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá.

Endereço para correspondência: Rua Pará 398. Bairro Cidade Nova. CEP: 87.023-080. Maringá, Paraná. Fone: (044) 263-9977. E-mail: <toyolima@wnet.com.br>.

INTRODUÇÃO

Fala-se de idoso, de velhice, como se a palavra encerrasse uma realidade bem definida. Na verdade, não é fácil delimitá-la. Trata-se de um fenômeno biológico, psicológico, social e cultural. Como membro de uma sociedade, o homem recebe influências de um estatuto cultural. Culturas diferentes têm concepções diferentes do idoso.

E é sob essa ótica que abordaremos nossas discussões, percorrendo de forma sucinta sobre a história do idoso, sem a intenção de produzir um quadro comparativo referente às diversas concepções de idoso existentes nas culturas humanas. Evocaremos algumas experiências culturais relacionadas ao idoso em diferentes culturas. Comentaremos duas situações distintas: uma em que o ancião é destituído de prestígio e outra em que o ancião é valorizado. Descreveremos, também, alguns resultados obtidos de uma pesquisa realizada entre um grupo de pessoas consideradas idosas descendente de japoneses em Maringá, Estado do Paraná, com o intuito básico de relatar o depoimento de quem é ou considerado velho ou idoso entre os isseis (primeira geração de japoneses no Brasil) e os nisseis (segunda geração: filhos de japoneses nascidos no Brasil), bem como constatar se eles se consideram como tal?

A pesquisa se justifica por considerarmos que este é um grupo de pessoas que estão inseridas em uma sociedade que frequentemente enfatiza questões de abandono, estigmatização, preconceito e inutilidade. Uma sociedade em que indivíduos são valorizados na medida em que continuam a ser produtivos e em que a velhice, supostamente, tenderia a ser uma etapa da vida relativamente desprezada.

Para esta pesquisa de campo, utilizamos entrevistas com perguntas abertas, centradas na temática proposta. Coletamos relatos de oito¹ indivíduos com mais de 60 anos, escolhidos aleatoriamente, sendo que as respostas obtidas foram por nós transcritas tal

como colhidas no fluxo de voz dos entrevistados.

RELATIVIZANDO O IDOSO

Para conhecermos um pouco dos mitos e convicções sobre o idoso, descreveremos algumas atitudes e condutas relacionadas aos idosos das chamadas sociedades primitivas e da sociedade moderna.

Por meio da literatura, verificamos que algumas transformações e modificações variavam e variam de acordo com o período e as necessidades vigentes, como destacam Baba (1993), Benedict (1988), Costa e Hamilo (s/d), Mead *et al.* (1965) e Neri (1997).

Nas chamadas sociedades primitivas, e em algumas culturas, o ancião inspirava respeito; graças a sua memória, tornava-se depositário da ciência. Aos que conservavam as lembranças do passado, mesmo estando com "um pé no mundo dos mortos", era-lhes atribuído o papel de intermediários entre a terra e o além. As experiências e os conhecimentos acumulados constituíam um trunfo para essas pessoas. Percebemos também que em outras culturas os idosos eram frequentemente abandonados ou expulsos de sua coletividade.

Na sociedade industrial, o que se observava era a ideologia da utilidade, ou seja, o idoso acabava por ser abandonado, não por ser um indivíduo que se tornou incapaz de lutar, mas sim porque não podia mais trabalhar. Dr. Leach, citado por Beauvoir (1970), comenta que essa é uma etapa da vida que passa a não ser valorizada, pois o ser humano na sociedade industrial prevalece enquanto ser produtivo. O abandono, ainda conforme Beauvoir, também ocorria com os *sirionos*, habitantes da floresta boliviana, os *fang* e os *thonga* da costa oriental da África do Sul. Os *hopi*, os índios *creek* e *crow* e os bosquímanos da África do Sul costumavam levar o velho para o interior de uma *choça* e ali era abandonado.

¹ Vale a pena ressaltar que não tivemos acesso fácil às pessoas entrevistadas. Para obtermos este número de pessoas, tivemos várias recusas e as justificativas foram os mais diversas, desde **eu não sei falar bem o português** até o não ter tempo para a entrevista.

Beauvoir (1970) destaca ainda que os esquimós, cujos recursos eram extremamente precários, costumavam solicitar aos velhos que se deitassem na neve para ali aguardar a morte ou então os, "esqueciam" numa banquisa durante uma expedição de pesca. Os esquimós de Amssalik, na Groenlândia, costumavam suicidar-se quando se sentiam pesados à comunidade.

Contrastando com esses padrões culturais, encontraremos também outras formas de tratamento para com os idosos. Do sacrifício à valorização do saber.

Sobre essa concepção, encontramos na obra de Bosi (1987:3) o relato de uma lenda balinesa. Esta fala de um longínquo lugar, nas montanhas, onde outrora se sacrificavam os velhos e que com o tempo não restou nenhum avô que contasse as tradições para os netos.

A lembrança das tradições se perdeu. Um dia, quiseram construir um salão de paredes de troncos para a sede do Conselho. Diante dos troncos abatidos e já desganhados, os construtores viram-se perplexos. Quem diria onde estava a base para ser enterrada e o alto que serviria de apoio para o teto? Nenhum deles poderia responder: há muitos anos não se levantavam construções de grande porte e eles tinham perdido a experiência. O velho, que havia sido escondido pelo neto, aparece e ensina à comunidade a distinguir a base e o cimo dos troncos. Nunca mais um velho foi sacrificado.

Mas nem todos eliminavam seus idosos. Algumas tribos, mesmo que paupérrimas, não procediam de tal forma. Por exemplo, entre os *chukchees* e os *yakuttes*, segundo Beauvoir (1970), o idoso, mesmo quando já quase caduco, continuava a governar o acampamento; era quem decidia a respeito das migrações e da localização do acampamento no verão.

Agarrado à muleta, continuava senhor de sua casa e de seu rebanho. Os *yahgans* também sentiam grande afeição pelos pais. Quando estes

atingiam idade avançada eram respeitados e sua opinião era sempre ouvida com atenção. A experiência das pessoas de idade, entre os povos acima citados, era posta a serviço da comunidade.

É interessante assinalar as relações no desenvolvimento da primeira infância dos povos *manus*, habitantes ao norte da Nova Guiné. Mead (1972:84-85) descreve que "para a criança de curta idade, o pai é um ser protetor e benévolo, que existe principalmente para satisfazer os desejos do filho."

Cruikshank (1983) relata que em Esparta havia o costume de se desfazerem das crianças malformadas ou indesejáveis, por acreditarem que elas eram amaldiçoadas pelos deuses, não havendo indícios de que as pessoas idosas fossem eliminadas.

Embora encontre-se a idéia de honra, alguns fatos tornam-se marcantes na sociedade ocidental, como a estigmatização e a desvalorização das pessoas consideradas idosas.

No século XVIII, os idosos começam timidamente a buscar seu espaço, surgindo alguns escritos sobre sua problemática. Paralelamente ao desenvolvimento da industrialização, à multiplicidade de empregos e à modificação de alguns valores familiares, ocorre uma explosão demográfica, trazendo consigo o aumento considerável do número de idosos na sociedade tornando necessária uma instituição política para a velhice. Com a revolução econômica e industrial, o papel dos homens idosos torna-se mais apagado, sendo praticamente afastados da vida ativa, e os que não tinham família eram socorridos pelo senhor proprietário da fábrica ou pelo monastério. Nessa situação, os idosos se viam extremamente desfavorecidos em toda a escala social. É nesse período que o processo de estudos políticos, sociais e culturais para os geriátricos inicia sua ampliação.

MAS AFINAL, O QUE É VELHICE?

A velhice não é um fato estático, é o prolongamento de um processo. De acordo com Bursinde (1979) e Gomes (1985), é nesta fase que se transforma a aparência do indivíduo,

possibilitando atribuir-lhe uma idade com uma pequena margem de erro. Os cabelos embranquecem, a pele enrugando em consequência da desidratação, tornando-se mais seca e inelástica.

Mas o homem envelhece em função do conjunto de sua situação, como fatores de saúde, hereditariedade, ambiência, emoções, antigos hábitos e do padrão de vida vivido até então, como descrevem Kalache (1994), Magalhães (1989) e Salgado (1982). Sintetizando, Sheffield, citado por Canôas (1983), demonstrou que a saúde depende estreitamente do estilo de vida de cada indivíduo. Então, tudo dependerá de como e onde ocupar seu lugar no espaço, considerando que o processo de desenvolvimento é uma continuidade durante todo o ciclo vital.

QUEM É O IDOSO? O VELHO EXISTE?

Entre os iorubas da Nigéria, Kalache (1994) descreve que a mulher é considerada idosa quando se torna avó; na Índia, quando o filho mais velho se casa; em outras culturas, considera-se a mulher idosa quando atinge a menopausa.

A Organização Mundial de Saúde determina que seja considerado idoso aquele que tenha 65 anos ou mais de idade nos países desenvolvidos, e que, segundo Telford (1977), é a mais bem aceita como o início do período da velhice, baixando esta idade para 60 anos nos países em desenvolvimento. Este conceito cronológico, conforme Gomes (1985), não é observado somente para documentos oficiais mas também na elaboração de trabalhos científicos².

A história tem demonstrado que os valores e a cultura de qualquer povo são aprendidos e transmitidos de geração a geração, podendo ser alterados durante o processo de desenvolvimento e, assim, incorporar-se ao

meio. Em sua grande maioria, dependendo de como o indivíduo desenvolve suas atividades, estas serão organizadas de modo a conservar ou não seus padrões de valores.

A idade, por exemplo, é um ponto de referência no meio social e de uma forma ou de outra está instituída como padrão de valor. Para elucidar tais aspectos, perguntamos ao grupo pesquisado o que eles pensavam da idade, e transcreveremos apenas alguns depoimentos. A Sr^a. L. (69 anos) diz:

Não acho nada³ de idade! Eu esqueço de idade (ri muito). Eu não fico pensando... eu me sinto jovem (dando gargalhadas). As pessoas é que me dizem⁴: "Dona L. não faça isto, não faça aquilo, a senhora não tem mais 20 anos não!" Mas eu... esquece.

O importante para ela é se sentir bem e estar com saúde. Com saúde, ela pode fazer o que quiser, trabalhar em casa, fazer pintura, pescar e, principalmente, jogar. Sua paixão é o tênis de campo, mas como ela mesma comenta:

(...) já não encontra jogadora para jogar... eu tinha bastante amigas que jogava, mas... agora não tem, então jogo pouquinho... outro dia participei com uma moça de 45 anos, de Curitiba, mas a diferença é muito. As pessoas param de fazer atividade.

Sente-se muito triste em dizer que não há mais campeonato para pessoas da idade dela. Agora ela joga gate-ball⁵, dizendo que "este esporte é importante porque utiliza muito a cabeça, a inteligência". Para ela, o bom agora é poder praticar esporte.

Já a Sr^a. U. (66 anos), ao ser questionada, ri muito e diz:

² Destacamos que a maioria de nossos entrevistados são considerados idosos tendo como referência o conceito cronológico da OMS.

³ Grifo nosso.

⁴ Grifo nosso.

⁵ Jogo muito parecido com o *críquet*, sendo recodificado pelo Japão em 1947, conhecido como *gate-ball*, podendo ser jogado em parques ou em outros lugares abertos.

Eu não acha nada, eu esquece a idade. Nem pensa. As pessoas é que acaba chamando atenção as vezes para a idade. Outro dia "seis anos atrás" uma moça disse (é que eu usava salto de sapato bem alto, comenta ela): Obasan⁶ usa salto alto? Uso, respondi. Mas é perigoso na idade da senhora! A senhora não tem mais de 50 anos? Mocinha é que falou para mim. Aí passei a usar sapatos mais baixos, no começo foi muito difícil, foi duro, porque estava acostumada, com os saltos altos, mas ainda usa de 3cm até 5cm.

Estes depoimentos demonstram que a idade é um fator que traz consigo delimitações, o estigma da incapacidade e de impossibilidades, o preconceito de inatividade em nosso meio social. O relato desses idosos entrevistados deixa transparecer que, embora estes padrões de valores estejam aí instaurados e instituídos, eles, de uma forma direta mas discreta, estão tentando modificar o que vem sendo passado de geração a geração.

Mas será que os indivíduos entrevistados se consideram velhos? Quem são os velhos para eles? Sobre estas questões, transcreveremos alguns depoimentos explanados pelo grupo entrevistado. O Sr. H. (65 anos) explica que ser idoso é quando as pessoas passam para a terceira idade, é quando terminam sua missão: "a de criar os filhos". Após essa missão, ressalta ele, a pessoa já pode ser considerada como estando na terceira idade. Expõe a seguir uma preocupação: o que fazer depois?

Ao perguntarmos sua idade, ele responde: "estou com 65, é véio já".

– Mas por quê? O Senhor se considera velho?

Ah...não! Deve ser. Depois dos 60 acho que já é velho, (sorrindo, uma das poucas vezes que sorri). Mas

vejo como ponto de apoio no trabalho e no relacionamento com os jovens, eu ainda gosto muito dos jovens, até hoje gosto de jovem, até não faz muito tempo ensino yakiyu⁷ para os jovens.

Tanto a palavra velho, quanto a palavra idoso, para a Sr^a. U. (66 anos), são as pessoas que não aproveitam a vida, as que não fazem nada para melhorá-la. Comenta ainda que agora é que ela pode realizar tudo o que sempre desejou, fazendo aquilo de que gosta, como olhar vitrines, observar a paisagem, fazer Ikebana⁸, bonecas, cantar músicas populares e folclóricas japonesas, participar das danças folclóricas, praticar a cerimônia do chá, treinar gate-ball, fazer ginástica (japonesa) e jogar tênis de mesa, destacando que o tênis de mesa foi indicação de um médico do Japão. Relata que, embora no início tenha encontrado dificuldades porque seus reflexos motores e seus movimentos não acompanhavam os dos mais jovens, não desistiu do intuito. Ressalta que "foi difícil no começo, no meio dos jovens. O gesto era mais lento, quando via..., cadê a bola? Mas continuei".

Finaliza, dizendo: "para não ficar velho, a pessoa tem que ocupar-se, tanto fisicamente quanto mentalmente".

O Sr. U. (66 anos) comenta que "quem usa bastante a cabeça não envelhece nunca". Destaca que seu tempo é bem ocupado para trabalhar ensinando os jovens a tirar foto. Enfatiza: "portanto, eu não me considero idoso". Para ele, o importante é poder continuar transmitindo seus conhecimentos e a tradição japonesa.

Diferentemente de outros depoimentos, a Sra. S., com 62 anos, se considera idosa, responsabilizando a doença de que padece e comentando que a saúde é tudo. Relatando que sente muita solidão e que tem muito receio de fazer as pessoas se preocuparem com ela.

⁶ Senhora em japonês.

⁷ Beisebol em japonês.

⁸ A arte de arranjos florais baseia-se em três planos principais, que simbolizam o céu (*shin*), o homem (*soe*) e a terra (*hikae*). Procura-se elaborar arranjos com equilíbrio e harmonia, sem esquecer a graciosidade e o respeito à natureza.

O Sr. K. (62 anos) não se considera idoso, respondendo com veemência: "Eu não! Eu não acho idoso não! Tenho 62 anos e não me acho idoso, eu ainda pratico beisebol, olha quanto troféu⁹ tenho."

Embora possa parecer "bananeira que já deu cacho", ele considera-se uma pessoa realizada, dizendo: "criei todos os meus filhos e estão todos formados, graças a Deus". Comenta ainda que, embora não encontre vantagem em ter essa idade, acha que tem muitos conhecimentos para serem transmitidos. Mas destaca que não adianta conhecimento se ele não puder usufruir e passar à frente a cultura que possui.

Medita por alguns segundos, voltando a falar que pode até ser que ele esteja na terceira idade, mas que não se considera assim, acrescentando que sua maior satisfação é conviver com os jovens, transmitindo e ensinando seus conhecimentos e suas experiências. Relata que ainda pratica beisebol, pertencendo à equipe de veteranos, com o nome de *super-oldboy*, e quer continuar a trabalhar e passar seus conhecimentos aos mais jovens.

A satisfação de ter essa idade, diz ele, depende do ponto de vista de cada pessoa. Mas no caso dele, especificamente, considera-se satisfeito de ter realizado seus objetivos. Agora faz as coisas com mais prazer. A idade, a seu ver, é apenas uma consequência da vida. Complementa:

O importante é viver intensamente cada minuto... posso dizer para você o seguinte: aproveite bem em todos os sentidos, porque a vida da gente não volta pra trás. Não adianta você falar "vichi, podia ter feito isso, podia ter feito aquilo", isto não adianta.

CONCLUSÃO

O quadro do Brasil jovem começa a se reverter. Vários fatores vêm contribuindo para o aumento da população idosa; constatam-se, dentre eles, o índice de mortalidade infantil, a subnutrição, a insuficiência de assistência

médica; há redução no número de nascimentos e o aumento de migração de jovens para outros países em busca de uma melhor perspectiva de vida.

No limiar do próximo século, as populações dos países desenvolvidos serão constituídas em sua grande maioria por idosos.

Mesmo reconhecendo-se que a longevidade tem sido significativamente aumentada, fica a convicção de que, em nossa sociedade, os valores da estigmatização e da desvalorização encontram-se presentes.

A literatura que trata da velhice em sociedades modernas frequentemente enfatiza questões de abandono, estigmatização e preconceito, quando os indivíduos são valorizados na medida em que continuam a ser produtivos. A velhice supostamente tenderia a ser uma etapa da vida relativamente desprezada. As experiências e os depoimentos obtidos entre os descendentes de japoneses entrevistados nos oferecem a possibilidade de repensar o idoso em nossa sociedade complexa.

Um dos aspectos que nos chamou a atenção, em relação às entrevistas, foi que, mesmo estando em uma sociedade chamada moderna, os descendentes de japoneses que entrevistamos não se acham e nem se consideram velhos. Não gostam de que os chamem dessa forma. Para eles, velhos são aqueles indivíduos que ficam inativos e não fazem nada para melhorar sua situação. A idade para eles não é relevante, destacando que as pessoas é que ficam chamando a atenção para este fato. Mas as idéias de valores com relação à idade estão aí, organizadas de modo a conservar a forma instituída.

O que se enfatiza, e é importante para as pessoas consideradas idosas, entre os entrevistados, é a valorização da vida, a apreciação do dia-a-dia, é desfrutar o prazer de viver. Não se utilizando demasiadamente de uma linguagem pejorativa em relação ao envelhecimento, mas, sim, enfatizando, a valorização da vida, procurando encontrar prazeres nas coisas mais simples. É interessante destacar que, com raras exceções, não se sentem velhos e gostam de estar sempre ativos, comentando sobre a importância de poder

⁹ Mostrando com orgulho seus troféus, fazendo comentários de como os adquiriu nos campeonatos de veteranos.

continuar contribuindo na transmissão de seus conhecimentos entre os jovens.

A pesquisa demonstra, mais uma vez, a importância de o indivíduo ser ativo, produtivo e continuar integrado no meio social. Salientamos que esta possa não ser a única forma de expressão existente nesta comunidade, mas estamos enfatizando-a porque são valores que mais se sobressaíram, dando-nos possibilidades de verificar e relatar que, mesmo estando em uma sociedade complexa, há uma comunidade onde as pessoas idosas consideram-se valorizadas, permitindo-nos mencionar fatos de uma outra face do idoso.

E como o crescimento contínuo da população idosa vem sendo constatado é, portanto, necessário utilizar medidas tanto de ação individual quanto coletiva, numa concentração de esforços que objetivem reduzir os estigmas instaurados na sociedade, proporcionando a melhoria do bem-estar e uma melhor qualidade de vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BABA, Shigueaki. Una sociedad de viejos. **Revista de la Organización Mundial de la Salud**, v. 3, nº 3. Ginebra, 1993.
- BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- _____. **A velhice: a realidade incômoda**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.
- BENEDICT, Ruth. **Padrões de cultura**. Lisboa: Livros do Brasil, 1988.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: T. A. Quêroz, 1987.
- BURNSIDE, Irene M. **Enfermagem e os idosos**. São Paulo: Andrei, 1979.
- CANÔAS, Cilene. **A condição humana do velho**. São Paulo: Cortez, 1983.
- COSTA, Vera L. e RAMILO, Maria T. Significado do comportamento motor das pessoas idosas, numa perspectiva transcultural. In: **A Ciência do desporto, a cultura e o homem**, p. 659-669. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa, Faculdade de Motricidade Humana, s/d.
- CRUICKSHANK, William. **A educação da criança e do jovem excepcional**. Porto Alegre: Globo, 1983.
- GOMES, Frederico A. e FERREIRA, Paulo C. **Manual de geriatria e gerontologia**. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Medicina, 1985.
- KALACHE, Alexandre. Head, Public Health Implications of Aging Program-London School of Hygiene and Tropical Medicine. In: **Revista de Divulgação Científica da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência**, v. 17, nº 97, 1994.
- MAGALHÃES, Dirceu N. **Invenção social da velhice**. Rio de Janeiro: Papagaio, 1989.
- MEAD, Margaret. **Educación y cultura**. Buenos Aires: Paidós, 1972.
- MEAD, Margaret *et al.* **Cultura y sociedad**. Buenos Aires: Libros Básicos, 1965.
- NERI, Anita L. **Envelhecer num país de jovens: significados de velho e velhice segundo brasileiros não-idosos**. Campinas: Unicamp, 1997.
- SALGADO, Marcelo A. **Velhice, uma nova questão social**. São Paulo: Sesc, 1982.
- TELFORD, Charles W. e SAWREY, James M. **O indivíduo excepcional**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Guanabara, 1977.
-